
ENSAIO PARA DOIS PERDIDOS

Por Felipe de Menezes¹



<https://bit.ly/3S7Hion>

O Salve povo preto, salve povo da quebrada, salve as encruza!

¹ *Felipe de Menezes é diretor, professor e historiador de teatro. É autor de livros sobre a memória e a história do teatro no interior e no ABC paulista. Atualmente, é professor de teoria e história do teatro na Escola Livre de Teatro de Santo André, no Teatro Escola Macunaíma e no Núcleo de Teatro de Barueri. Fundador e atual diretor artístico do Forfé Teatro, em Piracicaba. Foi artista-orientador do Projeto Ademar Guerra. Foi professor de teatro na Fundação Casa, em Araraquara, e na extinta Oficina Cultural de São Carlos. Foi membro titular do Conselho Municipal de Cultura de Piracicaba e presidente da Apite! (Associação Piracicabana de Teatro), além de ser um dos fundadores do Fentepira (Festival Nacional de Teatro de Piracicaba).*

Certa vez ouvi que opta por escrever dramaturgia quem tem pressa em dizer assuntos que são urgentes e, quem tem mais tempo para a discussão, se dedica à forma do romance. Se assim for, o teatro tem o tempo da urgência, pois incide na vida de forma mais direta, ilumina demandas e assuntos que necessitam do nosso olhar, escuta e atenção mediatas.

O público esteve diante de uma obra de fôlego no crepúsculo do dia 10 de setembro de 2022 ao experimentar um misto de sensações advindas do histórico espaço cênico joseense. Nele, ao adentrarmos, nos deparamos com uma ocupação: a cenografia era composta por pessoas pretas e periféricas que se organizavam para caber em um espaço um tanto quanto desconfortável: o palco do Municipal. Desconfortável porque é conhecido por todos a dificuldade histórica que esses corpos tiveram para acessar esses – também – espaços de poder. Ao longo dos séculos de teatro no Brasil, os negros vindos d'África para o trabalho compulsório, bem como os seus descendentes, sempre ficaram à margem da experiência teatral (ao menos do teatro de tradição europeia). É conhecido o fato de negros serem forçados à cena em um período em que o teatro não tinha tanto prestígio. Contudo, a partir do momento em que o teatro se torna o espelho da burguesia e uma escola de moralidade e civilidade, esses mesmos corpos passam a não mais serem bem-vindos aos tabladados. Seja no Brasil colônia, império ou república, os negros sempre foram alijados de poderem ser sujeitos de representação ou mesmo de representar em cena – fato histórico que, se não justifica, ao menos, explica um certo desconforto e dificuldades de pertencer a um espaço hegemonicamente elitista e branco que é um palco tradicional de teatro, sobretudo, o do interior paulista.

O ensaio, em forma de espetáculo, apresentado pela coletiva estreou em outubro de 2020 e, desde então, já se apresentou dezenas de vezes em quadras de condomínios, praças, ocupações culturais e ruas. Nasceu, cresceu e rendeu frutos (destaque para a atriz mirim do grupo) na periferia de São Paulo.

Dois Perdidos Numa Noite Suja, obra clássica do santista Plínio Marcos, aqui se mostrou como um pretexto para que um grupo de jovens atrizes e atores expurgassem (de si) e jorrassem (em nós) as tretas (des)humanas, as barras pesadas enfrentadas dentro das periferias dos grandes centros urbanos e, nesse caso, do maior centro urbano da América Latina. Com esse pretexto, foram criadas cenas a partir das necessidades e insurgências típicas que caracterizam as quebradas desse

mundo-Brasil, com destaque para o racismo e a homofobia. Ser preto e periférico significa ter dificuldades incomensuráveis de acessos, ainda mais, se esse mesmo corpo for de um homoafetivo.

A intertextualidade de cenas, áudios e trechos de outros espetáculos-referências para o grupo, demonstra que o alicerce de suas escolhas estéticas se filia ao mais requintado e badalado teatro negro paulistano. Cabe agora, ao grupo, cada vez mais, ir encontrando espaços de autoria e identidade em sua cena. O recorte dramático – por isso mesmo um “ensaio” – trouxe cenas finais do texto que fora escrito em 1966. Nele, o grupo optou, por razões evidentemente políticas, por não reproduzir em cena a morte de uma das personagens da peça. Entretanto, a tortura psicológica levada à exaustão pelos atores gêmeos Júlio e Jefferson Silvério foi um dos pontos mais tensos da apresentação. Repito: a não-morte de um corpo preto em cena foi para o grupo (embora não para o dramaturgo) um ponto acertado, politicamente importante. Excelente posicionamento, aliás. Contudo, a exacerbação da tortura psicológica de um corpo preto gay por um outro corpo preto hetero, trouxe à cena contornos igualmente macabros, tão cruéis como um tiro na cara². Também, há de se ter cuidado e responsabilidade ao se referir a elementos de uma cultura local, seja a comida ou sua própria gente, afinal, tudo faz parte da construção identitária de um lugar. Quando rimos ou debochamos de uma comida, rimos e debochamos, também, das mãos que a preparam. Se essa era a intenção da coletiva, o incômodo nos espectadores foi visível. Mas, e depois? O que vem após o discurso? O teatro, como um acontecimento, tem o poder de fazer deslocamentos, rupturas, fissuras nas mentes daqueles que o vivenciam verdadeiramente. O incômodo intencional que parte do desejo dos jovens artistas Aga Orimaf, Jaque Alves, Jefferson Silvério, Jéssica Marcele, Júlio Silvério, Maria Eduarda, Matheus Heitor – todos integrantes de *Éssa Companhia de Teatro* –, será muito melhor aproveitado à medida em que a cena (e a qualidade de presença do bando de atores) justifique ou, ao menos, aponte, caminhos em direção à trans-formação coletiva ética.

Papo reto: há de haver um paraíso à espera dos que lutam tanto. Os sujeitos dessa investigação artística, reclamam o básico: o direito de existir em total plenitude, em meio a um ambiente necropolítico que tenta a todo momento desestruturar e

² Na cena final do texto original de *Dois Perdidos Numa Noite Suja*, a personagem Tonho cospe na cara, encosta o revólver e fuzila Paco.

enfraquecer os nossos quilombos. O paraíso acima referido é terreno, portanto, com teto para morar e viver dignamente para plantar comida e sonhos.

O trabalho está em sua forma bruta necessitando de escolhas político-poéticas que possam balizar as intenções da coletiva. O aparato técnico pelo qual se viabiliza um tecimento dramático é, sim, da ordem do desejo, mas sobretudo, de ordem política. Em outras palavras: luz, som, operação de som e luz não são frios e isentos de afetividade e política.

Parabéns e vida longa ao trabalho e aos parças de teatro.